

## “Geóóóorge”

George Martine<sup>1</sup>

Velho gosta de contar histórias. Como a minha com o Zé começou há 47 anos, este espaço fica pequeno pra contar tudo. Vou procurar ficar só nos *highlights*. A gente se conheceu em 1973, na reunião da IUSSP em Liège. Era, para os dois, a primeira participação numa reunião internacional. O Zé fazia um doutorado na London School e eu trabalhava na Cepal, no Chile de Allende. Como eu estava procurando uma forma de fugir do golpe militar que se anunciava naquele país, havia iniciado negociações com o jovem Cedeplar. Para tanto, já tinha estado em Belo Horizonte para discutir, com Paulo Haddad e colegas, minha integração ao Centro.

O Zé me procurou na IUSSP porque tinha sido incumbido da tarefa de arrematar o meu compromisso com o Cedeplar. Roupa casual e descombinada no meio desse mar de ternos, extrovertido, conversando naquele vozeirão de assustar até os mouros, inserindo palavras que pareciam ser de inglês na fala caipira, fez seu dever com muita simpatia. Fiquei entusiasmado com a perspectiva de trabalhar com esse cara boa-praça. Entretanto, as conversas não chegaram a cabo porque tive que voltar correndo para o Chile, conseguindo a duras penas reunir-me com mulher e filhinhas, poucas horas antes do golpe Pinochet.

Já de volta à Cepal, fiquei aguardando a proposta oficial do Cedeplar, louco pra sair do Chile golpeado. Infelizmente, a mineirada, aparentemente assustada pelas garras do Projeto Condor (isso é outra história!), não se manifestava e nem me oferecia um contrato. Acabei escapando do Chile graças a um convite da ONU para uma consultoria de seis meses em Brasília (que acabaria se transformando em 15 anos). Quando regressou do seu doutorado, o Zé reiterou insistentemente o convite do Cedeplar, mas eu já estava instalado com a família em BSB, gostando muito do meu trabalho e sem ânimo para outra mudança.

Durante algum tempo, o Zé ficou bravinho comigo por não ter ido para o Cedeplar, mas consegui contornar a situação com um suborno. Seguinte: o programa do governo que eu assessorava como “*expert*” em migrações tinha bastante dinheiro e se propunha a fazer, *inter alia*, uma pesquisa extensa sobre migrações na região Norte do país. Como não havia centro de estudos demográficos na região, consegui encaminhar essa demanda para o Cedeplar. Daí nasceu o grande programa de estudos amazônicos do Cedeplar, cujos integrantes até então só conheciam a região por fotos. Esse recurso permitiu a contratação de Chuck e Marianne e, posteriormente, do casal Sawyer, e desencadeou eventualmente um sem-número de teses e publicações. Daí em diante, qualquer reclamação do Zé sobre a minha infidelidade com o Cedeplar se esbarrava na réplica – “comigo, problemas!; sem-migo, bonança!”

---

<sup>1</sup> Consultor independente.

A minha amizade com o Zé floresceu mesmo na Abep. As primeiras reuniões de demógrafos, financiadas pela Ford e auspiciadas pelo IBGE, juntavam os principais representantes de áreas temáticas. O Zé trabalhava técnicas demográficas e fecundidade, enquanto eu era o cara “das migrações”. Tateando ainda na escuridão institucional e política, foi feita uma primeira reunião da pequena comunidade demográfica no Rio, em 1976, e lançada a criação da Abep.

Nesse princípio, a Elza, já mais experiente e conhecida, cedeu, num gesto de grandeza e perspicácia, a primeira presidência da Associação ao Zé, que, com muito carisma, capitaneou os primeiros anos do grupo. Ficaram famosas, nestes primeiros anos, as reuniões temáticas realizadas em Teresópolis, onde grupos menores foram consolidando ciência e amizades, criando aquela mística abepiana de que as reuniões matinais começavam sempre no horário, independentemente do término das comemorações da noite anterior, nas quais o Zé figurava sempre.

Naqueles primeiros anos, apesar de não termos intersecção substantiva específica, nos encontrávamos frequentemente em diversas reuniões temáticas pelo país afora. Passei também a frequentar o Cedeplar em relação a várias reuniões técnicas, defesas de teses e, eventualmente, como professor visitante. Foi a época em que o Zé passou a me chamar, no seu inglês de lorde e naquela voz treinada pra chamar o boi no pasto, de “**Geóóóorge**”. Tomamos muita cerveja e escutei uma infinidade de histórias, mas tínhamos sempre uma preocupação comum com os meandros da nossa querida Abep e também com as questões políticas mais candentes da época da ditadura e de suas sequelas.

Consegui, eventualmente, provocar o Zé pra sair das suas tocas acadêmicas preferidas (técnicas demográficas e fecundidade) para ajudar na melhoria das estimativas de migrações internas. Depois, escrevemos vários trabalhos em conjunto, os mais relevantes abordando as janelas de oportunidade que as transformações demográficas abriam para políticas sociais e econômicas no Brasil.

Brilhante demógrafo e professor carismático, o Zé era uma personalidade fascinante pela complexidade. Era um cientista viajado e reconhecido mundialmente, mas de uma simplicidade espontânea nos seus modos e preferências. Amigo fiel, era intransigente nos seus valores e convicções. Como todos nós, tinha seus defeitos e pontos cegos, mas seus admiradores eram muito mais numerosos do que seus críticos. No geral, o Zé foi um dos melhores amigos que tive ao longo da minha vida. Comentei isso com a Nazaré (esposa) logo depois da morte dele e fiquei emocionado quando ela respondeu que o Zé “sempre tinha tido um carinho enorme” por mim. Tais recordações e sentimentos fazem parte importante da minha riqueza hoje em dia.